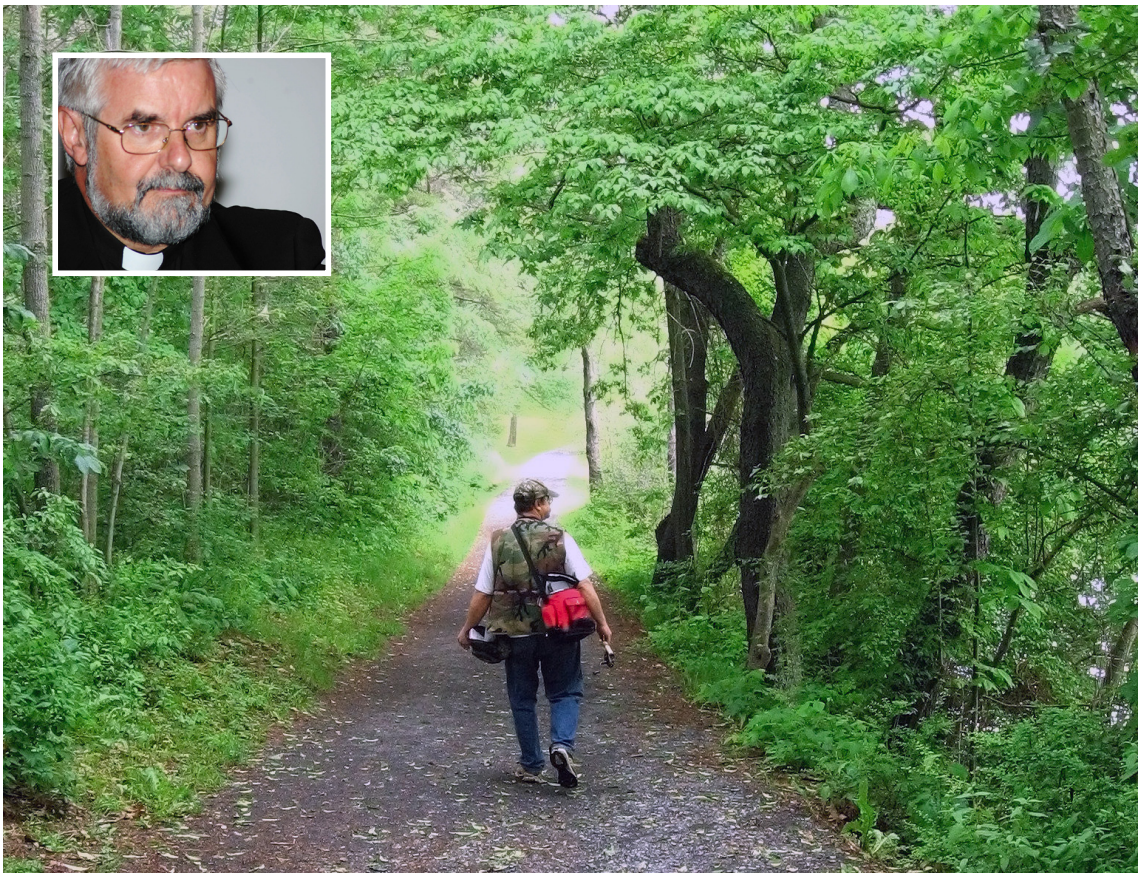

## O FUTURO DA TERRA PARTE DAQUI: PLANTAR ÁRVORES

A terra chegou ao fim? Não! Se plantarmos árvores! Se cuidarmos dela e a cultivarmos como à própria história. Se a respeitarmos como um dom, como uma esposa. Se a resgatarmos do destino horrível que está atravessando faz tempo, pois é desfrutada, degradada, manipulada por dentro, com alterações de seu equilíbrio interno, isto é, da sua beleza, da sua fecundidade. As ideologias não devem despojá-la de sua dignidade natural. Tudo é interdependente. A interrogar-nos sobre este tema de interesse mundial está aí, justamente, a **c**rise ecológica que é, no fundo, o espelho da crise ético-cultural global.

Desde sempre o centro da atenção, mas nestes dias com maior interesse e sensibilização, a reencontramos batendo à porta de nossas consciência, graças à nova carta encíclica do Papa Francisco, *Laudato si'. Sobre o cuidado com a casa comum*, que chama a atenção sobre o fato de que, também se não nos damos conta ou o ignoramos, nós, seres viventes, estamos ligados a tudo aquilo que nos circunda, fora e ao nosso redor. «Tudo está em relação – escreve o Papa no n. 92 - e todos nós, seres humanos, caminhamos junto como irmãos e irmãs numa maravilhosa peregrinação, entrelaçados pelo amor que Deus tem por cada uma de suas criaturas e que nos une, também, com terna afeição, ao irmão sol, à irmã lua, ao irmão rio e à mãe terra». Aconselho que se leia estas estupendas 191 páginas que concentram este apelo à conversão ecológica. É um texto dirigido a todos, porque interessa a todos, um chamado a aderir a uma «sublime fraternidade com toda a criação» (n.221). Porque, lá onde a natureza chora, chora também o homem. E vice-versa.

O Papa Francisco gosta de repetir: «Deus perdoa sempre; o homem algumas vezes, a natureza nunca!». Dessa forma, tudo no universo está ligado por um fio sutil. Que alguns chamem *Amor Criador*. Outros *energia cósmica*. Outros ainda *Polifonia da existência*. Ou *Mistério insondável*. Eis porque o cuidado com a criação é um tema vital. Porque aquilo que a parte sofre, sofre também o todo. Jamais pensar que estamos fora disso, ou existimos à parte, que não temos nada em comum com os outros. Porque «O meio ambiente é um bem coletivo, patrimônio de toda a humanidade e responsabilidade de to-

dos. Quem dele possui uma parte é apenas para administrá-la em benefício de todos. Se não o fizermos, carregamos na consciência o peso de negar a existência aos outros» (n.95). O individualismo se esforça por acreditar sempre no contrário, em nome da autonomia pessoal e eficientista, que se está manifestando cada vez mais desastrosa e letal. Mas ao longo de toda a encíclica, a verdade é que, querendo ou não, somos conectados uns aos outros. Por caminhos muitas vezes inexplicáveis, indecifráveis, mas reais.

O mundo está doente porque o coração humano se ensoberbeceu. Muitas vezes o papa nos repete que não podemos nos salvar sozinhos, construindo muros, adotando formas egoísticas, insistindo em separações e fragmentações. E no n.159 a análise é muito mais explícita: «As crises econômicas internacionais mostraram, de forma atroz, os efeitos nocivos que traz consigo o desconhecimento de um destino comum, do qual não podem ser excluídos aqueles que virão depois de nós». Só quando voltarmos a olhar Deus como Pai de todas as coisas que nos foram confiadas, só assim a terra voltará a respirar e a fazer-nos respirar ar puro, a beber água em abundância, a imergir-nos nas suas magnificências sem o perigo de sermos contaminados ou nutrir-nos de elementos tóxicos.

Tudo isso implica, inevitavelmente, sólida «relação de reciprocidade responsável entre ser humano e natureza» (n.67). Será uma alegria, também, contemplar a mãe terra, trabalhá-la e amá-la, fazer parte dela, como a casa de nossa passagem, na dignidade de criaturas que sabem fazer dela um hino ao Autor silencioso. E a fé reaviva a consciência de que a natureza é um anúncio de felicidade, porque «Não somos Deus. A terra existe antes de nós e foi-nos dada» (n.67). Está nesse *preceder* o segredo para chegar a fundar uma ecologia humana e cultural no cotidiano, onde a política e a economia mirem a força profética do Bem comum. Eis, pois, as *três regras de ouro da encíclica*: «A criação só se pode coceber como uma realidade iluminada pelo amor que nos chama a uma comunhão universal (n.76); Não renunciemos a perguntar-nos pelos fins e o sentido de tudo (n.113); Devemos fazer a experiência de uma conversão, de uma mudança de coração (n.218)». Plantemos, pois, a árvore da justiça e da verdade no coração do homem, para que a natureza ofereça sustentação a todos os povos da terra. Nas suas leis e com todo o seu esplendor, que tem a sua gênese no sorriso de Deus criador, que sempre "destrói a potência do mal com a onipotência do amor» (Bento XVI).

*S.E. dom Giancarlo Maria Bregantini*
*Arcebispo de Campobasso - Boiano*